

O jornalismo na cobertura de movimentos sociais: Interfaces entre cultura e lutas políticas no site *Cultura Plural* (2018-2020)¹

Yasmin Letícia ORLOWSKI²

Manuela Roque FERREIRA³

Karina Janz WOITOWICZ⁴

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O artigo busca realizar uma análise da cobertura de movimentos sociais produzida no site do projeto de extensão Cultura Plural, do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, nos anos de 2018 a 2020. Os resultados da pesquisa que embasam o trabalho revelam a presença de diferentes grupos e movimentos sociais na pauta jornalística, os formatos predominantes utilizados na produção extensionista e as áreas da cultura representadas. Para evidenciar a importância do projeto na visibilidade e inclusão de grupos sociais, o artigo apresenta os conceitos de cultura e de jornalismo cultural para debater o papel do jornalismo cultural no fortalecimento da democracia e as possibilidades de ampliação do debate sobre temas da coletividade pelas mídias digitais.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; jornalismo; cidadania; movimentos sociais; extensão universitária.

Introdução

O projeto de extensão Cultura Plural, vinculado ao programa Agência de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, teve sua origem em agosto de 2011 com o apoio da Fundação Nacional de Artes (Funarte/Ministério da Cultura). O projeto tem como proposta dar visibilidade aos grupos e artistas populares de Ponta Grossa e região dos Campos Gerais do Paraná, por meio da produção jornalística na área cultural e promoção de ações em cultura.

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante da 2ª série do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), integrante da equipe do projeto de extensão Cultura Plural, bolsista de extensão pela Fundação Araucária, e-mail: yasmin_orlowski@hotmail.com

³ Estudante da 2ª série do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), integrante da equipe do projeto de extensão Cultura Plural, e-mail: manuelaroqueferreira@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), coordenadora do projeto de extensão Cultura Plural, bolsista produtividade pela Fundação Araucária, e-mail: karinajw@gmail.com

A partir do levantamento das produções realizadas pela equipe extensionista e publicadas no site do projeto⁵ entre os anos de 2018 e 2020, buscou-se identificar aquelas que estabeleciam diálogos com diferentes movimentos sociais, seja pelo registro de manifestações, pela cobertura de ações e produtos vinculados a grupos específicos ou mesmo pelos personagens que representam determinadas lutas das minorias.

Para a realização do presente artigo foram utilizadas bases teóricas relativas aos conceitos de cultura e jornalismo cultural, além de textos que remetem à relação entre cultura e política, de modo a refletir sobre o papel do jornalismo na promoção da cidadania. Também se considerou o cenário de expansão das mídias digitais para contextualizar a ação do projeto extensionista, em seu potencial de visibilizar as ações dos movimentos sociais na cidade e região.

A partir desses aportes, o artigo apresenta os resultados do levantamento da produção jornalística do Cultura Plural, com ênfase na identificação dos movimentos sociais representados na cobertura, dos principais formatos de produção jornalística e dos setores da cultura que receberam atenção do projeto. Com este percurso, foi possível observar o modo como a cultura produzida pelos grupos e movimentos repercute na pauta do Cultura Plural e contribui para fortalecer as lutas e demandas sociais da atualidade.

A noção de cultura e o papel do jornalismo cultural

Para refletir sobre a cobertura jornalística realizada pelo projeto, o artigo se propõe inicialmente a apresentar algumas das definições para o vocábulo cultura, necessárias para compreender a área de atuação da ação extensionista. Para tanto, Teixeira Coelho traz em seu livro *A cultura e seu contrário* a definição cunhada pelo antropólogo Edward Burnett Tylor (1832-1917), que propôs em 1871 em seu livro *Primitive Culture* o que ficaria conhecido como o primeiro conceito de cultura.

Cultura, ou civilização, no sentido etnológico mais amplo do termo, é esse todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e outras capacidades ou atitudes adquiridas pelo homem enquanto membro da sociedade. Em outras palavras, tudo. Tudo que é humano. (COELHO, 2008, p. 17)

Já o crítico literário e ensaísta Alfredo Bosi define cultura como “conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social” (BOSI, 2003, p. 309).

⁵ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/>

Ainda seguindo o conceito de cultura como uma contribuição para a formação e manutenção das atividades sociais dos grupos humanos, Raymond Williams (1921-1988) explica que cultura é “um sistema de significação pelo qual uma ordem social é vivida, explorada, comunicada e reproduzida” (COELHO, 2008, p. 42).

Entretanto, Teixeira Coelho problematiza o entendimento universalista de cultura praticado com viés antropológico, uma vez que esse entendimento não é operacional para o estudo da área.

Quando tudo é cultura — a moda, o comportamento, o futebol, o modo de falar, o cinema, a publicidade —, nada é cultura. Mais relevante: quando em cultura tudo tem um mesmo valor, quando tudo é igualmente cultural, quando se diz ou se acredita que tudo serve do mesmo modo para os fins culturais, de fato nada serve. (COELHO, 2008, p. 20)

A problematização trazida pelo autor mostra que é necessário diferenciar aquilo que tem seu propósito como cultura daquilo que é oposto a ela. Desta forma, Teixeira Coelho explica que essa diferença está em entender o que estimula o desenvolvimento humano do indivíduo e do coletivo em contraposição ao que o impede e o distorce.

Opondo-se ao debate da universalização da cultura, Teixeira Coelho traz o conceito de *kultur* difundido por autores iluministas alemães — em especial, Johann Gottfried von Herder (1744-1803) — os quais consideravam a cultura como a espiritualidade e a nacionalidade de um povo em sua profundidade. Para esses pensadores, a cultura de um lugar estaria em suas especificidades e particularidades, e não em sua totalidade. “Cultura não era o todo de todos mas o relativo a um grupo, com a implicação de que cada cultura revestia-se de um atributo a ela relativo” (COELHO, 2008, p. 21).

Entretanto, é importante frisar que a concepção particularista de cultura não deve levar à conclusão de que uma cultura é melhor ou pior, mais ou menos relevante do que a outra. Para evitar a distorção do pensamento, Teixeira Coelho traz a definição proposta originalmente por Franz Boas (1858-1942) de relativismo cultural:

Cada cultura tem um valor próprio a ser reconhecido, um estilo específico que se manifesta na língua, nas crenças, nos costumes, na arte e que veicula um espírito próprio (a identidade), cabendo ao etnólogo estudar as culturas (não a Cultura) e, mais do que verificar em quê consiste uma dada cultura, apreender o elo que une um indivíduo a uma cultura. O conhecimento desse elo — sua estrutura, seus limites, seu alcance — é importante para a política cultural, não porém (não

mais, em todo caso) com o objetivo habitualmente identificado nesse empreendimento e que é aquele de reproduzir esse elo, reforçá-lo, preservá-lo, conservá-lo, restaurá-lo. (COELHO, 2008, p. 22)

Uma das problemáticas que circunda o objeto cultura é a questão da supervalorização de uma cultura conhecida como “essencial”, que majoritariamente são aquelas culturas denominadas “tradicionais”, ou seja, portadora de valores históricos essenciais, isto é, tradicionais, antigos e portanto verdadeiros sobre aquelas culturas ditas de “rua” englobando desde o folclore e telenovelas até histórias em quadrinhos.

Essa sobreposição de uma cultura sobre outra pode ser vista como uma estratégia de poder, seja ele religioso, político, econômico ou social a fim de se auto legitimar, para manter-se em uma continuidade ligação com o passado, buscando certa estabilidade de existência.

Contudo, como a sociedade está em constante mudança, essas culturas tradicionais acabam por mudar também. Alguns autores tratam essa mudança como essencial para compreender conceitualmente o seu tempo, a fim de não repetir erros passados, objetivando sempre buscar uma certa evolução de comportamentos, ideias e conceitos.

A insistência em valores históricos “próprios”, a serem valorizados porque exata e unicamente “históricos”, revela um assombroso desconhecimento da dinâmica cultural ou, em outro caso, a intenção consciente de manipular a cena de uma cultura, de uma comunidade. Esses são outros tantos motivos para centrar o foco dos estudos culturais no presente, com a inteligência ou correção histórica pertinente. (COELHO, 2008. p. 25).

Portanto, o cenário cultural apresenta constante mudança, as chamadas “belas artes”, a “cultura erudita” passam a dividir cada vez mais espaço com artes modernas, e contemporâneas, principalmente no que se refere ao espaço de visibilidade gerado pela mídia. O jornalismo cultural se vê cada vez mais responsável na inserção dessa multiplicidade e diversidade cultural em suas pautas, tematizando uma visão mais integradora.

O jornalismo cultural é complexo e de difícil definição. São poucos os estudos sobre esse campo (FARO, 2014; PIZA, 2009; GADINI, 2009) e, em sua maioria, eles estão voltados ao jornalismo impresso. Atualmente, alguns pesquisadores e intelectuais vêm se debruçando sobre esse tema, que exige a compreensão das transformações das redações e das tendências do jornalismo especializado. Teixeira Coelho (2007, p. 25), diz

que o jornalista cultural é alguém que deve ser “capaz de colocar um fato cultural numa perspectiva histórica (e crítica), relacionada ao que está sendo tratado”. Visto, principalmente, que a origem do jornalismo cultural é ético-política, entrelaçada com a literatura e, posteriormente, com as demais artes e suas implicações sócio-políticas.

Conseqüentemente, o jornalismo cultural tem dever de veicular produtos culturais de forma crítica, reflexiva e pluralizada, “tematizando além das belas letras e das belas artes, os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (BASO, 2008, p. 69). É importante ressaltar que é papel do jornalismo cultural não veicular em seus espaços apenas a cultura de massa, ou seja, transmitir um entendimento de cultura limitado a um produto mercadológico, mas atribuir-lhe sentidos, interpretações, críticas, levando em consideração seu contexto socioeconômico.

[...] não pode ser vista apenas como uma operação que reitera os valores e os signos da cultura de massa, meramente voltada para o entretenimento, mas deve ser vista também como um espaço público de reflexão e análise de questões que a produção intelectual (artística ou acadêmica) suscita no conjunto da sociedade (FARO, 2007, p. 01 apud SILVA, 2011, p. 110)

Esse papel do jornalismo cultural majoritariamente pode ser visto como utópico, dada a atual submissão dos jornais aos interesses mercadológicos, recorrendo a questões publicitárias para sua sobrevivência. Cristina Berger (1996) retrata essa problemática em *Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais*. Ela diz que algumas interferências políticas ou econômicas afetam a produção da notícia, ela compreende o jornalismo por dois indicadores: vínculos com o mercado (patrocinadores e consumidores) e com o espaço editável (seleção das notícias demarcadas pelo espaço de um jornal impresso ou o tempo de um telejornal).

Justamente por essa não submissão às questões mercadológicas que o projeto de extensão Cultura Plural tem mais liberdade para tratar de assuntos que vão além da cultura de massa, ampliando o conhecimento de seu público leitor e o fazendo refletir a respeito da cultura local que o circunda.

O jornalista torna acessível ao público em geral obras, pensamentos e bens, que, de outra forma, dificilmente seriam mediatizados. Fá-lo através de uma linguagem simples e acessível – e essa foi uma função social de gênese –, permitindo que diversos públicos com diferentes níveis de conhecimento possam participar no debate público. (SILVA, 2011, p.113)

Através da cobertura da agenda cultural da região e de espaços colaborativos para conteúdos opinativos, literários e de variedades, o Cultura Plural carrega em sua marca a ideia de realizar um jornalismo cultural diversificado, que mostre as múltiplas maneiras de se produzir cultura. Das obras eruditas às mais contemporâneas, do clássico ao popular, o portal é um espaço de acesso para ponta-grossenses e região dos Campos Gerais a respeito do que está presente na cena cultural.

Relações entre cultura e política no jornalismo cultural digital

O Cultura Plural, como um veículo de mídia digital, apresenta sua contribuição perante a constituição da democracia e da inserção de grupos sociais e de atos políticos que não são visibilizados pela cobertura de mídia regional, em uma abordagem que considera como manifestações culturais as práticas dos movimentos sociais e sua atuação na esfera pública. O jornalismo digital vem encontrando novas possibilidades e proporcionando uma maior abertura na produção de conteúdos autônomos e na construção de uma maior interação e troca para com o seu público, fortalecendo assim um vínculo com a audiência.

Com essa maior proximidade com o público, o jornalismo consegue se aproximar cada vez mais da democracia. De acordo com Dora Santos Silva (2011, p. 107), “meios de comunicação são as principais fontes de comunicação dos cidadãos e é através deles que acompanham o debate político”. Sendo assim, o jornalismo digital tem um papel mais ativo do que os tradicionais, posto que possibilita uma maior interação com o público, gerando debates e visibilizando atores sociais.

As tecnologias permitem armazenar a informação e difundi-la com maior facilidade, chegando a diferentes públicos de forma mais simples e rápida, ampliando os seus conhecimentos e integrando-os em seus discursos, além de utilizar a interatividade digital para envolver o público.

O jornalismo cultural está historicamente ligado às minorias e às subculturas. As novas tecnologias permitem o desenvolvimento de publicações de nicho sem os custos inerentes à distribuição. Desta forma, os media culturais podem atingir minorias e dar-lhes voz. (SILVA, 2011 p.114)

Vale lembrar que o jornalismo em si enquanto instrumento na democracia assume o papel de ‘cão de guarda’, aliando-se à população para averiguar a execução das normas sociais pelos governantes. Por isso, é conhecido como o ‘quarto poder’ - tendo influência

e possuindo o mesmo impacto num governo que os demais poderes - e principalmente ajuda a instaurar a liberdade de expressão e espaços de amplo debate sobre questões do cotidiano. Além disso, permite que pessoas de diferentes classes sociais tenham acesso às informações e pensamentos que antes eram restritos às elites, ainda que certas barreiras ainda hoje comprometam uma verdadeira democratização da comunicação.

Assim surge a proposta de uma democracia deliberativa, teorizada por Joseph Bessette em 1980 e ganhou cada vez mais força com o passar dos anos. Ela se difere das outras democracias à medida que abrange a participação popular além do voto em processos eleitorais periódicos, tornando essa participação popular mais ativa, em que a população passa a ser uma espécie de ator político responsável pelo debate público, por isso este necessita estar bem informada.

Jürgen Habermas, referência teórica neste domínio, afirma que o ideal da democracia deliberativa procura precisamente adaptar as instituições políticas (SILVA, 2011 p.104) [...] às sociedades complexas, descentralizadas, pluralistas, multiculturais, que as formas tradicionais, dominantes, de representação política tendem a trair. (FERREIRA, 2010, p. 56).

No entanto, algumas problemáticas circundam a aplicação plena da democracia deliberativa, como exemplo, a impossibilidade de toda a população ter o privilégio de estar bem informada, seja por questões de complexidade social, pluralidade de povos na questão de raça, gênero, etc. E é aqui que entra o papel fundamental do jornalismo cultural em sua contribuição na superação desses empecilhos da construção da democracia deliberativa. O jornalismo cultural possui potencial para auxiliar na veiculação de conteúdos culturais voltados a questões ético-políticas, ampliando o conhecimento de leitores(as) e gerando debate.

Os meios de comunicação social, mesmo subordinados à economia e ao poder, são os primeiros responsáveis pela visibilidade da pluralidade de visões do mundo. Possibilidades políticas do jornalismo cultural digital. Os integrados mais radicais concebem os media digitais, mais propriamente a Internet, como um local onde os participantes participam livremente e de forma igual, sem a interferência do Estado e sem fronteiras físicas, a uma escala global. (SILVA, 2011, p. 108-109)

Diante das possibilidades de ampliação do debate público por meio das mídias digitais, torna-se possível compreender a atuação do projeto Cultura Plural na tematização

das demandas dos movimentos sociais. Considera-se que as interfaces entre cultura e política ampliam e dinamizam a pauta do jornalismo cultural, possibilitando a realização de coberturas sobre ações e produções oriundas dos grupos organizados da sociedade civil, que passam a ser representados no conteúdo jornalístico, conforme exposto a seguir.

A cobertura dos movimentos sociais no Cultura Plural

O Cultura Plural, de acordo com a análise de coberturas dos anos de 2018, 2019 e 2020⁶, se mostrou consciente e atuante para com as responsabilidades e deveres do jornalismo cultural. O site pautou no total 52 conteúdos com vínculos sociais e políticos, contribuindo para uma maior inserção e visibilidade de diferentes grupos e suas realizações na cidade de Ponta Grossa.⁷

Para o presente estudo, foi realizado um levantamento das coberturas de movimentos sociais e políticos no site jornalístico do projeto de extensão Cultura Plural, no período considerado. As matérias foram inseridas em uma tabela no programa Excel e posteriormente classificadas nos diferentes grupos sociais a que pertencem, sendo eles: gênero, questões raciais, Movimento Sem Terra, pessoas com deficiências, religião e atos políticos. Além disso, foram registrados o título, ano, link, categoria em que cada publicação foi enquadrada pelo site, e a qual área possui ligação, entre as opções: teatro, cinema, literatura e fotografia.

Por meio da análise, pode-se constatar que o jornalismo cultural realizado por meio da extensão universitária, de forma autônoma, realizou uma ampla cobertura, com regularidade, de diferentes movimentos sociais e políticos. Ao inserir certos temas e atores sociais no debate público, o projeto conferiu uma visibilidade que não costuma ser proporcionada pela mídia regional tradicional, cumprindo sua responsabilidade para com a cidadania e a democracia.

No gráfico a seguir (Gráfico 1) é possível observar as produções feitas pelo Cultura Plural entre os anos de 2018 a 2020 que pautaram os movimentos sociais, por meio de personagens, ações e produções culturais na cidade de Ponta Grossa e região.

⁶ É importante considerar que o número de publicações nos três anos apresenta variações. Em 2018, a produção de conteúdos diminuiu no segundo semestre em razão de mudanças internas na equipe de coordenação. Em 2019 o projeto realizou uma cobertura mais ampla e diversificada e, em 2020, teve suas atividades prejudicadas com a interrupção das atividades na Universidade nos primeiros meses da pandemia.

⁷ Alguns resultados gerais do levantamento que embasa a presente pesquisa foram apresentados em resumo expandido ao 18º Conex - Encontro Conversando sobre Extensão na UEPG (KOSMENKO; ORLOWSKI; WOITOWICZ; GADINI, 2020).

Gráfico 1: Movimentos sociais representados no Cultura Plural (2018-2020)



Fonte: As autoras, 2020

Através da análise do Gráfico 1 é possível perceber que as produções jornalísticas de movimentos sociais do Cultura Plural são majoritariamente voltadas para as questões de gênero (mulheres e comunidade LGBT+), contabilizando 21 publicações. Logo em seguida, com 19 publicações, atos políticos como manifestações e painéis para debate são destaque nas produções do projeto. Com 6 e 4 publicações, respectivamente, observamos a produção de materiais a respeito das questões raciais e de pessoas com deficiência. Por fim, registra-se uma publicação tematizando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (KOSMENKO, ORLOWSKI, WOITOWICZ, GADINI, 2020).

Para contextualizar as produções mencionadas, citamos como exemplo para a categoria Gênero a matéria “Painel sobre violência contra a mulher abre atividades alusivas ao dia 8 de março”, publicada em 6 de março de 2020⁸. Voltada para a temática da mulher, o evento “Mulheres e direitos: enfrentamento de violências múltiplas” permitiu a produção de uma cobertura completa pela equipe do Cultura Plural sobre a questão da violência contra a mulher.

Já na categoria Ato político trazemos o exemplo da galeria de fotos “Estudantes, docentes e funcionários da UEPG protestam contra corte de verbas na educação”⁹, onde a preocupação em retratar a manifestação não se deu apenas em formato de texto mas

⁸ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=4970>

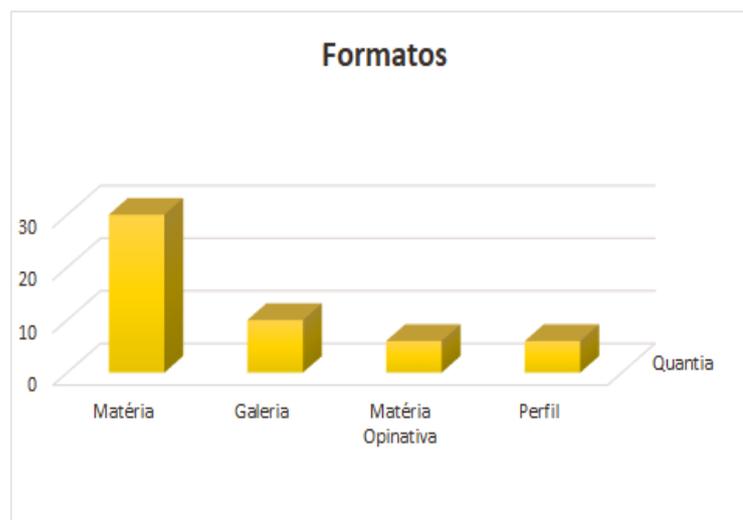
⁹ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=3676>

principalmente pela fotografia, permitindo aos leitores um contato maior com a realidade do movimento social. Ocorrida no dia 15 de maio de 2019 em apoio à Greve Nacional pela Educação, a paralisação abordada na publicação ficou conhecida como 15M.

A respeito das publicações relacionadas às questões raciais, a matéria “Documentário apresenta raízes de religiões Afro-Brasileiras em Ponta Grossa”¹⁰, de 13 de novembro de 2019, mostra a realidade local dos grupos afro-brasileiros e das dificuldades enfrentadas por eles não apenas pelo preconceito racial, mas também pela sua religiosidade. No caso das matérias temáticas sobre pessoas com deficiência, a publicação “Exposição audiodescritiva oferece acesso à literatura”¹¹, de 26 de setembro de 2019, retrata a questão da inclusão e acessibilidade aos cegos para conteúdos literários, além de mostrar a realidade dessas pessoas para as demais por meio de uma experiência sensorial. A publicação “3 anos de acampamento do MST em Castro”¹², de 12 de setembro de 2018, mostra por meio de uma galeria de fotos a dinâmica do acampamento do movimento presente na região dos Campos Gerais.

Após a observação de como os movimentos sociais são representados na produção jornalística, é importante perceber em quais formatos tais movimentos estão sendo tematizados. No Gráfico 2 vemos as produções do site divididas em quatro formatos:

Gráfico 2: Formatos predominantes na cobertura dos movimentos sociais



Fonte: As autoras, 2020

¹⁰ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=4761>

¹¹ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=4329>

¹² Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=3160>

O Gráfico 2 revela que a produção de matérias ou reportagens sobre movimentos sociais é predominante no Cultura Plural, atingindo o número de 30 publicações. Já as galerias de fotos totalizam 10 publicações e as matérias opinativas e perfis, igualmente, contém 6 publicações.

Em relação às matérias, como forma de ilustrar os resultados da pesquisa, trazemos o exemplo da publicação do dia 26 de abril de 2019, “Atividades culturais integram Colóquio Mulher e Sociedade”¹³, que mostra o trabalho realizado pela equipe do Cultura Plural em gerar conteúdos que integram a agenda cultural da cidade ao mesmo tempo que carregam uma reflexão nos textos a respeito do tema abordado. Ainda seguindo a temática de gênero, citamos a galeria de fotos “Manifestação contra violência marca luta das mulheres em PG”¹⁴, veiculada no site em 9 de março de 2020. O protesto integrou as atividades culturais realizadas na cidade em referência ao Dia Internacional da Mulher.

Em matérias opinativas, temos como exemplo a produção “Junho, o mês do orgulho”¹⁵, de 28 de junho de 2019. Publicado no dia do Orgulho LGBTQ+, o texto traz um posicionamento a respeito de como a comunidade é tratada no Brasil, em especial durante o governo do atual presidente Jair Bolsonaro. Ademais, é citada a relevância para a comunidade da primeira parada LGBTQ+ realizada em Ponta Grossa no ano anterior à publicação.

Por fim, na categoria Perfil, apresentamos como exemplo o texto “Autismo pelos olhos de uma mãe”¹⁶, publicado em 7 de maio de 2020. Através de um retrato da vida de Janaina Mara Pereira, mãe do menino Davi de 4 anos que possui autismo leve, a publicação explica as dificuldades enfrentadas por pais que cuidam de crianças com a doença e os enfrentamentos diários para lidar com a aceitação e compreensão da sociedade.

No gráfico abaixo (Gráfico 3), a última categoria analisada compreende as áreas abordadas pelas produções jornalísticas do Cultura Plural nas coberturas dos movimentos sociais em Ponta Grossa e região.

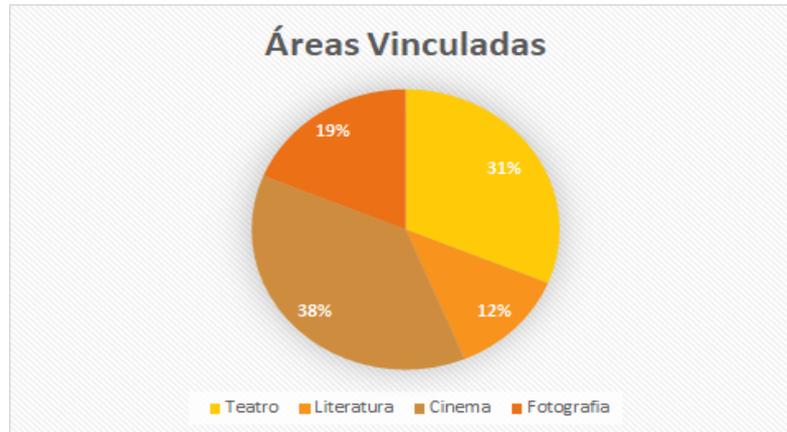
¹³ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=3596>

¹⁴ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=5015>

¹⁵ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=3894>

¹⁶ Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=5160>

Gráfico 3: Áreas representadas na cobertura dos movimentos sociais no CP



Fonte: As autoras, 2020

Percebeu-se uma predominância das produções voltadas para a área do cinema, sendo 38% de publicações sobre exibição de filmes e documentários com espaço para discussão dos assuntos retratados, seguidos de 31% de materiais sobre peças de teatro. Observou-se ainda que 19% das publicações foram de galerias de fotos, relacionadas principalmente a protestos e manifestações na cidade e 12% da área da literatura, com lançamentos de livros e debates sobre obras locais.

Considerações finais

O principal objetivo do artigo foi pautar os sentidos recorrentes à cultura e sua relação com a democracia e refletir sobre como o jornalismo cultural exerce um papel fundamental para com a efetivação de temas da cidadania, a partir da experiência do site jornalístico do projeto de extensão Cultura Plural.

O artigo teve como propósito, também, explanar sobre a importância do jornalismo digital na ampliação do debate na sociedade, visto que este tem o privilégio de alcançar um maior número de leitores e telespectadores, envolvendo o público através do uso de artefatos tecnológicos, que acabam também por auxiliar na facilidade e velocidade da difusão de conteúdos noticiosos.

Além disso, viu-se a pertinência de discutir a problemática do jornalismo atrelado a questões mercadológicas e os embates com as atuais crises sofridas pelo campo, estabelecendo relações com a importância do jornalismo autônomo e livre da submissão de mercado no fortalecimento da cidadania e da cultura política.

Entre os principais resultados cabe citar a percepção acerca da contribuição do site jornalístico Cultura Plural para com a inserção de grupos sociais e políticos locais no campo da mídia, gerando visibilidade a estes grupos e uma ampliação do conhecimento público sobre suas ações. Foi possível analisar a importância da extensão realizada no ambiente acadêmico no diálogo com setores da sociedade, relacionando as bases teóricas à prática jornalística realizada pela equipe do projeto.

Com a pesquisa, foi possível observar a presença de ações culturais que remetem a diferentes movimentos e grupos organizados de Ponta Grossa e região, que foram representadas por meio de matérias, galerias de fotos, textos opinativos e perfis. A diversidade, como um parâmetro para a produção em jornalismo cultural, também pode ser observada nas diferentes áreas da cultura em que as ações dos movimentos sociais se situam.

Por fim, a experiência foi enriquecedora para as autoras visto que expandiu seus horizontes sobre a importância da extensão no ambiente acadêmico e do jornalismo cultural para um maior fortalecimento da democracia. Alguns outros caminhos e perspectivas podem ser tomados a partir desse artigo, como uma análise reflexiva da cobertura do projeto de extensão atrelada a questões sociais na atual pandemia da COVID-19 e o desafio de incluir, na pauta da cultura, temas e sujeitos que representam demandas da coletividade.

Referências

BASSO, Eliane Fátima Corti. Para entender o jornalismo cultural. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 9, n. 16, jan-jun 2008.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008.

FARO, José Salvador. **Apontamentos sobre jornalismo e cultura**. São Paulo: Buqui, 2014.

FERREIRA, Gil Baptista. **Democracia deliberativa: Conceitos de Comunicação Política**. Covilhã: Labcom Ubi, 2010. pp. 55-66.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009.

KOSMENKO, Bruna de Proença; ORLOWSKI, Yasmin Letícia; WOITOWICZ, Karina Janz; GADINI, Sérgio Luiz. **Movimentos sociais na produção extensionista**: levantamento da cobertura do Cultura Plural (Programa Agência de Jornalismo) de 2018 a 2020. 18º Encontro Conversando sobre Extensão - CONEX, 2020.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Dora Santos. Possibilidades políticas do jornalismo cultural digital na perspectiva da democracia deliberativa. **Estudos em Comunicação**, n. 9. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2011. pp. 103-117.